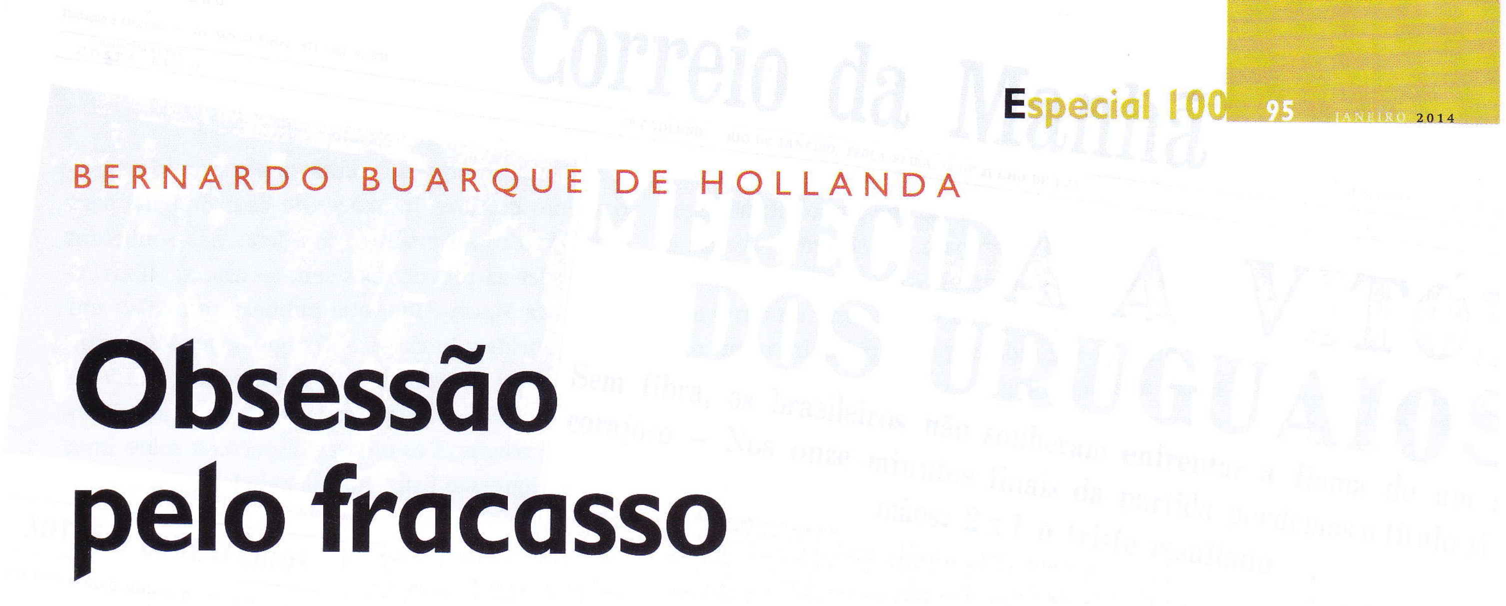

BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA

Obsessão pelo fracasso

Nem os cinco títulos mundiais cicatrizaram o trauma que o Brasil não quer esquecer: por que foi tão marcante a derrota de 1950?

ARQUIVO NACIONAL/ FUNDO CORREIO DA MANHÃ

O PAÍS QUE MAIS CONQUISTOU títulos em Copas do Mundo de futebol – 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 – insiste em lembrar de uma única derrota. Para um estrangeiro, pode parecer estranha a forma como o Brasil é apegado às lembranças da Copa do Mundo de 1950. No dia 16 de julho daquele ano, o Uruguai sagrou-se campeão em pleno Maracanã, ao derrotar o Brasil, de virada, por 2 a 1. Até hoje nos recusamos a deixar de lado esta traumática memória coletiva.

É uma obsessão nacional o interesse em explicar a derrota da Seleção Brasileira no quarto torneio mundial organizado pela Fifa. Ela se repete sob a forma de reportagens televisivas, materiais jornalísticos, contos literários, documentários e até filmes ficcionais. Sabemos que a lembrança e o esquecimento se articulam de forma dialética. Mas por que a indesejada lembrança da derrota se sobrepõe ao presumível desejo de esquecer?

A Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, assistiu a 22 partidas entre os dias 24 de junho e 16 de julho. Nos grupos 1 e 2 havia quatro seleções em disputa, no grupo 3 havia três times e no grupo 4 somente dois. A primeira chave teve Brasil, Iugoslávia, Suíça e México. A segunda foi composta por Espanha, Inglaterra, Chile e Estados Unidos. A chave 3 tinha Itália, Suécia e Paraguai, enquanto a 4 contou com Uruguai e Bolívia.

Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai classificaram-se para a segunda fase. A taça caberia àquele que fizesse mais pontos corridos após o embate das quatro equipes entre si. Os jogos do quadrangular culminariam com uma última partida, que acabou por se afigurar decisiva, entre Brasil e Uruguai.

Após um empate preocupante contra os suíços no estádio do Pacaembu, em São Paulo, a Seleção Brasileira protagonizou um desempenho contagiante no Maracanã: 2 a 0 contra a Iugoslávia, 7 a 1 na Suécia e 6 a 1 sobre a Espanha. A goleada contra

Acima, manchete do *Correio da Manhã* de 18 de julho de 1950. Abaixo, foto de José Medeiros mostra menino na arquibancada do Maracanã.

JOSÉ MEDEIROS/ ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Saiba Mais

FRANZINI, Fábio. "Da expectativa fremente à decepção amarga". *Revista de História*, USP, n. 163, p. 243-274, jul./dez., 2010.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RISÉRIO, Antônio. "A escola brasileira de futebol". In: ___. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007.

Documentário

Dossiê 50: Comício a favor dos náufragos, de Genetton de Moraes Neto. 80 min. Globo News, 2013.

Internet

Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). Museu do Futebol http://www.museudofutebol.org.br/crfb/.

A derrota na final de 1950 gerou um trauma na memória coletiva do país. Abaixo, foto do famoso gol de Ghiggia que deu o título ao Uruguai.

os espanhóis, conhecidos pelo epíteto de "A Fúria", levou a torcida à euforia. Ao chegar ao último jogo, bastava ao Brasil o empate. Ao Uruguai, apenas a supremacia em gols garantiria o título.

O primeiro tempo da final terminou em 0 a 0. No início da segunda etapa, no primeiro minuto, o Brasil abre a contagem, com um chute do centroavante Friaça. Aos 20 minutos do segundo tempo, Schiaffino empata para o Uruguai, abatendo o time e os torcedores brasileiros. Transcorridos 33 minutos da segunda etapa, mais um gol uruguaio, desta feita do ponteiro direito Ghiggia, no que se considerou uma falha da defesa brasileira. Durante o tempo restante da partida, o Brasil reage e tenta ainda empatar, sem sucesso. O jogo termina e o Uruguai é campeão. O presidente da Fifa, Jules Rimet, desce da tribuna de honra, entra em campo e entrega aos uruguaios a taça que leva seu nome.

Enquanto os platinos comemoram com uma volta olímpica, o desespero toma conta dos jogadores brasileiros, alguns deles a chorar copiosamente. Milhares de torcedores, desolados, também choram. Das arquibancadas, ainda se ouvem palmas em sinal de educação esportiva e em reconhecimento à façanha dos uruguaios. O silêncio e a tristeza instauram-se à saída do estádio.

Estes são alguns dos fatos, entre tantos que poderiam ser narrados. Mas é a forma de interpretá-los que ajuda a compreender por que aquele torneio "não só produziu um dos mais emocionantes clímaces, como também um dos mais duros choques que uma Copa já produziu", conforme as palavras do escritor inglês Brian Glanville. Uma série de testemunhos jornalísticos consagrou fatores internos e externos que teriam influenciado no destino da partida.

Argumentou-se, primeiramente, que faltaram aos jogadores fibra, honra e bravura. Comentaristas e analistas esportivos de então aventaram o acovardamento do time. Incapazes de lidar de igual para igual com os adversários, os atletas não souberam responder às provocações sem se desestabilizar. O jornalista Mário Filho, que publicara em 1947 um livro considerado clássico, *O negro no futebol brasileiro*, escreveu na revista *Manchete Esportiva*, em 7 de junho de 1958, sobre a incapacidade de os jogadores do time reagirem às ofensas. Especulou sobre uma suposta agressão física sofrida pelo lateral-esquerdo brasileiro por parte do capitão do time do Uruguai, Obdúlio Varela: "Logo após a partida, porém, o próprio Bigode admitiu a 'bofetada' que, segundo Mário Filho, 'ficou ardendo no rosto da multidão'".

Se a covardia comprometeu o desempenho no gramado, fora de campo, nos dias que precederam o jogo, a presença dos interesses dos políticos e dirigentes esportivos foi um fator comprometedor. Era ano eleitoral e a Seleção foi alvo da intromissão de candidatos em busca de visibilidade junto à sua prestigiada e popular equipe de futebol. Entre os episódios mais ilustrativos dessa perturbação externa costuma-se citar a mudança da concentração onde ficou alojado o time. A Casa dos Arcos, no Joá, situada em local de difícil acesso, era a residência de um banqueiro que havia sido emprestada para a Confederação Brasileira de Desportos. Dessa localidade tranquila e aprazível, os jogadores foram transferidos para o estádio de São Januário, pertencente ao tradicional clube do Vasco da Gama, plantel base da Seleção, em que atuava também o treinador Flávio Costa. O lugar, de muita circulação e proximidade com o grande público, teve o efeito contrário ao que se esperava de uma concentração, dificultando que atletas focassem no jogo.

Por fim, o fracasso internacional foi explicado pela ancestral formação étnica do povo brasileiro. A mistura racial era bastante visível nos jogadores da Seleção, composta por negros, pardos e mestiços. Por muito tempo nossa miscigenação foi considerada degenerescente e ameaçadora pelos defensores do racismo eugênico-científico. Em meados do século XX, persistia a preocupação com a constituição de uma "raça brasileira", forte, jovem e ordeira. A busca por tais qualidades havia norteado o regime do Estado Novo (1937-1945), do presidente-ditador Getulio Vargas.

No final de 1950, o *Anuário Esportivo Brasileiro* sintetizou os três argumentos que se consagraram para explicar a derrota: "Os uruguaios venceram porque tiveram fibra, jogaram com o coração e souberam honrar as suas tradições de campeões do

POPPERFOTO/GETTY IMAGES

mundo. Venceram porque não se mascararam, porque deram tudo, e não apenas no final, quando as coisas já estavam pretas, como foi o caso do nosso selecionado. Venceram porque têm 'pinta' de campeões mundiais, não sofrem de complexo de inferioridade, não se atemorizam com torcidas, mesmo que sejam essas compostas por 200 mil pessoas. E jogam um jogo viril, um jogo de homens, porque futebol é um jogo másculo, onde as amabilidades cedem, na cancha, terreno para jogo duro".

É intrigante a presença contemporânea deste tema, materializada numa série de livros dedicados a evocar o fracasso. O mais exaustivo de todos é o ensaio *Anatomia de uma derrota*, do jornalista Paulo Perdigão, publicado em 1986. O autor esteve presente no jogo, com apenas 11 anos de idade, e o impacto daquela lembrança levou-o a uma imersão que reconstitui os mais minuciosos acontecimentos sobre aquele torneio. Em 2000, quando se completaram 50 anos do jogo Brasil x Uruguai, uma nova leva de livros e de coberturas jornalísticas veio à tona, revisitando as justificativas para a perda do título. O jornalista Genetton Moraes Neto publicou o livro *Dossiê 50*, com entrevistas dos 11 jogadores envolvidos na partida, enquanto outro companheiro de profissão, Roberto Muylaert, dedicava-se estritamente àquele que ficou marcado como o grande vilão da derrota: o goleiro Barbosa. Na obra *Um gol faz cinquenta anos*, ele reporta 20 horas de conversa com o jogador, no final dos anos 1990. Na mesma linha investigativa, o jornalista Teixeira Heizer lança *Maracanazo: tragédias e epopeias de um estádio com alma*, escandindo o antes (preparativos), o durante (o jogo) e o depois (repercussões).

Com a aproximação do Mundial de 2014, o episódio parece longe de se exaurir. Tanto como curiosidade para o mercado editorial quanto como intriga histórica para os pesquisadores, permanece a pergunta: por que perdemos? E, subliminar a ela, talvez a mais inquietante questão: por que isso tanto nos importa? H

BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA É PROFESSOR-PESQUISADOR DA ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (CPDOC/FGV) DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS E AUTOR DE *O DESCOBRIMENTO DO FUTEBOL: MODERNISMO, REGIONALISMO E PAIXÃO ESPORTIVA EM JOSÉ LINS DO REGO* (EDIÇÕES BIBLIOTECA NACIONAL, 2004).

Revista de História da Biblioteca Nacional

REDAÇÃO

Editora interina
Vivi Fernandes de Lima

Editor assistente
Ronaldo Pelli

Produtora executiva
Cristiane Nascimento

Historiadores

Pesquisa de texto
Coordenador: Rodrigo Elias.
Pesquisadores: Bruno Garcia, Carolina Ferro, Cristiane Nascimento, Marcello Scarrone e Nashla Dahás.
Assistente: Angélica Barros

Pesquisa de imagem
Coordenadora: Joice Santos.
Pesquisadoras: Amanda Alvarenga e Nataraj Trinta. Assistentes: Roberta Souza. Estagiário: Felipe Rodrigues

Jornalismo
Coordenador: Ronaldo Pelli.
Editor de texto: Lorenzo Aldé
Repórteres: Alice Melo
Estagiários: Gabriela Nogueira Cunha e Janine Justen

Jornalista responsável
Vivi Fernandes de Lima
(MTb 23251 RJ)

Revisão e Copidesque
Malu Resende

Secretária da Redação
Patricia Krepp

Gerência Administrativa e Financeira
Juliana Calafange da Costa Ribeiro

Gerência Comercial
Fábio Pedrosa

Projeto gráfico
Victor Burton e Angelo Allevato Bottino

Projeto da capa
Isabela da Silveira

Diagramação
Tatiana Podlubny

Acompanhamento gráfico
Silvana Oliveira

Premedia
Trio Studio - Rio de Janeiro / RJ
Telefone: (21) 2220-5766

Impressão e acabamento
Gráfica Ediouro
Rua Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso
Rio de Janeiro - RJ - Cep.: 21042-235
Telefone: (21) 3882-8400

Distribuição
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Telefone: (11) 3647-3200

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República
Dilma Rousseff

MINISTÉRIO DA CULTURA

Ministra de Estado
Marta Suplicy

Secretário executivo
Marcelo Pedroso

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente
Renato Lessa

Diretora executiva
Maristela Rangel

Diretoria do Centro de Processamento Técnico
Liana Gomes Amadeo

Diretoria do Centro de Referência e Difusão
Mônica Rizzo Soares Pinto

Coordenação-geral de Planejamento e Administração
Gabriella Ferraz Leboutte

Coordenação-geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
Elisa Machado

Coordenação-geral de Pesquisa e Editoração
José Eisenberg

Agradecimentos
Vera Lucia Ferreira da Silva (IMS-RJ), Rosane Soares Coutinho (Arquivo Nacional), Meila Renata (Copyrights), Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, Gonçalo Ferreira (ABLC), Academia Brasileira de Cordel, Mara Karina Silva – Fundação Cultural Palmares, Coleção Sérgio Fadel, Luciana Rangel e Tarsila do Amaral, Evandro Teixeira, Gabriel Bernabó Duarte Guimarães – Instituto Carybé, Gisele Pazzin Barbosa, Memorial das Ligas Camponesas da Paraíba, Francisco Conte e Ana Liao (Escola de Música da UFRJ), Fundação Benedito Calixto

Colaboradores
Adenor Gondim, Carlos Latuff, Jaime Acioli, Emídio Luisi

Apoio
Reminiscências

Grande parte das imagens utilizadas na Revista de História pertence ao acervo da Biblioteca Nacional, salvo aquelas com indicação de proveniência. São publicadas somente imagens autorizadas. Não sendo identificados os detentores, os interessados devem se manifestar. As opiniões nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

SABIN - SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL – SABIN

Presidente
Jean-Louis de Lacerda Soares

Diretores Executivos
Sergio Kós Chermont de Britto e Sebatião Lacerda

Conselho Deliberativo
Afrânio de Mello Franco Nabuco, Alfredo Egydio Setúbal, Eduardo Baptista Vianna, Ivo Pitanguy, João Maurício de Araújo Pinho, Joaquim de Arruda Falcão Neto, Luiz Eduardo Pereira Barreto, Maria Gisela P. Gonçalves Marinho e Sylvia M. da Gloria de M. F. Nabuco.

FALE COM A REVISTA DE HISTÓRIA

Leitor, aqui você pode fazer perguntas ou dar sua opinião. Envie seus comentários para revistadehistoria@revistadehistoria.com.br